

Tornando os Estudantes à Prova de Bala

Resistência — O Paradigma da Esperança

V. Bailey Gillespie, Gary L. Hopkins e Stuart Tyner

Professores ingressam na área de educação porque se preocupam com os estudantes. Eles se preocupam com a devastação resultante de comportamento perigoso, como envolvimento com drogas ou promiscuidade sexual. Criam e implantam programas para proteger seus alunos e prover informação sobre os perigos de comportamentos que são uma ameaça à vida, esperando poder assim dissuadir os jovens até mesmo da experimentação casual.

Contudo, a abundância de informação não tem resolvido o problema. Atrativos

“slogans” do governo como: “Simplesmente diga Não!” e “Guerra contra as drogas”, propagandas dispendiosas na TV, fortes proibições religiosas e seculares, e advertências de pessoas exemplares foram todos experimentados.

No entanto os adolescentes continuam a participar de comportamentos que os colocam em risco — em medida sempre crescente e alarmante.

Ao redor do mundo, o abuso de bebidas alcoólicas e drogas continua a contribuir para

o aumento de gastos médicos, transmissão de AIDS, violência na escola e em casa, fatalidades automobilísticas, infecções transmitidas sexualmente, desemprego, produtividade reduzida no trabalho e comportamento anti-social.¹ O que se pode fazer?

Resistência — Tornando Seus Alunos à Prova de Bala

Recentemente, as pesquisas têm demonstrado que nós podemos fazer alguma diferença, e têm mostrado como fazê-la.

Um novo e forte paradigma resultante de pesquisas sobre o comportamento inspira esperança. Ele está sendo chamado de *resistência*. Esse paradigma sugere que, em vez de simplesmente prover informação, podemos encontrar métodos dinâmicos para fazer com que os adolescentes se tornem “à prova de bala” — resistentes à toda prova. Podemos ajudá-los a fazer escolhas que sirvam de motivação para a vida, que os protejam contra o comportamento perigoso.

Em termos científicos, *resistência* significa a capacidade de continuar funcionando adequadamente a despeito das adversidades e pressões da vida. Parece que a resistência é desenvolvida com o decorrer do tempo, mas só desenvolve quando existe significativo apoio ambiental.² A despeito de provas severas e fatores perigosos, as pessoas que têm resistência aprendem a superar e até mesmo a obter êxito.³

Atributos de Jovens Resistentes

A maioria de nós já lemos que as crianças que são física ou sexualmente

Podemos ajudá-los [os jovens] a fazer escolhas que sirvam de motivação para a vida, que os protejam contra o comportamento perigoso.

molestadas, cujos pais são alcoólatras ou que enfrentam sérias dificuldades durante o crescimento correm grande risco social e acadêmico. No entanto, alguns desses jovens se desempenham muito bem. Em vez de se concentrarem nas fraquezas dos jovens que correm o risco de fracasso acadêmico, uso de drogas ou outro comportamento perigoso, os estudos sobre resistência procuram identificar fatores responsáveis por seu êxito.⁴

Os pesquisadores definem a *resistência* em termos de “solidez” e sugerem que as seguintes características são típicas de pessoas que desenvolvem uma atitude resistente no tocante à vida:

- Elas têm um forte compromisso consigo mesmas e/ou com Deus.
- Elas estão dispostas a agir e lidar com problemas. Elas têm forte habilidade de usar sua fé religiosa para manter uma visão positiva a respeito de uma vida significativa.

- Elas têm atitude positiva com relação ao seu ambiente.
- A maioria delas tem forte senso de propósito na vida.
- Elas desenvolvem forte motivação interior que as capacita a verem os obstáculos na vida como desafios que podem ser superados.⁵

É Questão de Esperança

A resistência parece estar relacionada com esperança. Os jovens resistentes são otimistas que crêem que a adversidade pode ser superada e que existe vida além dos obstáculos de hoje. Outros fatores associados com jovens resistentes são:

- Temperamento ou disposição despreocupada;
- Capacidades intelectuais, especialmente destreza verbal e de comunicação;
- Avaliação realista do seu ambiente;
- Confiança de que tanto seu mundo interior como o exterior são previsíveis, controláveis e repletos de esperança;
- Habilidade de lidar com problemas sociais;
- Senso de direção ou missão, tais como a evidência de um talento especial, entusiasmo, fé ou fortes interesses;
- Capacidade de compreender e ser sensível aos sentimentos dos outros;
- Senso de humor;
- Distanciamento adaptável, tal como a habilidade de pensar e agir independentemente das pessoas problemáticas que deles cuidam.⁶

Fatores Protetores na Família

As famílias desempenham um papel significativo no desenvolvimento dessas habilidades. Aqui estão alguns fatores

Em vez de concentrar nas fraquezas dos jovens que correm o risco de fracasso acadêmico, uso de drogas ou outro comportamento perigoso, os estudos sobre resistência procuram identificar fatores responsáveis por seu êxito.

secular estão descobrindo agora aquilo que a pesquisa Valuegenesis explorou quase nove anos atrás.

A Importância de Relacionamentos

Um fator emerge repetidamente em pesquisas e literatura sobre resistência, tanto nos Estados Unidos como em outros países: Um relacionamento sincero e duradouro com um adulto que tem carisma e consideração — alguém com quem eles podem se identificar e de quem recebem força⁹ — é o fator *mais* significativo na vida do jovem.

De onde vêm tais relacionamentos? A resposta parece ser óbvia: de adultos mais maduros ou mentores — professores, pastores de jovens e outras pessoas significativas que tomam o tempo para estabelecer relacionamento de valor com os jovens. Fazer com que tais pessoas se envolvam com os nossos alunos é a coisa mais importante que podemos fazer para incentivar a resistência entre os jovens.¹⁰

Um relacionamento com alguém que demonstra consideração, calor e amor incondicional parece prover aos jovens o senso de que podem vencer os obstáculos. Tais relacionamentos podem cultivar a auto-estima e o senso de valor próprio, que tornam mais provável o êxito em superar situações do dia a dia.¹¹ Um

importantes de família que ajudam a proteger os jovens:

- Relacionamento coerente, caloroso, positivo com um adulto que lhe considera;
- Vínculo e ambiente de família positivos;
- Expectativas elevadas mas realistas por parte dos pais;
- Atribuição de responsabilidades e deveres no lar;
- Exemplo positivo de pais que têm a habilidade de resistir e superar situações difíceis;
- Ampla rede de apoio, que inclui familiares e amigos.

Fatores Protetores na Escola

A pesquisa Valuegenesis entre jovens adventistas na Divisão Norte-Americana revelou que ter padrões elevados é uma função mais eficaz na *vida familiar* do

que da vida de escola ou de igreja. Na realidade, de certa forma o fato de concentrar a atenção no comportamento apropriado apenas na igreja ou na escola interfere com o desenvolvimento de uma fé madura e com a possibilidade de influenciar os jovens a evitar um comportamento negativo.⁷

Como unidade familiar secundária, a escola provê oportunidades significativas para os alunos desenvolverem habilidades de tomar decisões e de ser resistentes. A pesquisa Valuegenesis revela nove fatores de eficácia que chamamos de “potenciais” para as escolas, inclusive o envolvimento de alunos em decisões relacionadas com regulamentos, professores que prestam apoio e que se interessam pelos alunos, e disciplina justa dentro do contexto de um corpo docente cristão.⁸ É interessante notar que pesquisas da comunidade

estudo descobriu que “os jovens que eram resistentes tinham pelo menos uma pessoa na vida que os aceitava incondicionalmente, a despeito de diferenças temperamentais, atração física ou inteligência”.¹² A pesquisa internacional Valuegenesis confirma isso, mostrando que famílias amorosas e apoiadoras que mantêm um diálogo religioso significativo com outras pessoas importantes contribuem para o desenvolvimento da fé e maturidade, bem como reduzem o comportamento perigoso.¹³ A evidência é esmagadora. A resistência é resultado de relacionamentos que dão apoio!

A Escola como Comunidade

A pesquisa Valuegenesis indica que a qualidade e a frequência de conversas sobre a vida religiosa entre pais e filhos é importante para encorajar o amadurecimento da fé e desenvolver jovens fortes e resistentes.¹⁴ Infelizmente, alguns alunos vêm de ambientes familiares fracos. Em tais casos, os professores e pastores devem se encarregar da difícil tarefa de ajudá-los a superar essas influências. Outros alunos vêm de lares em que o pai solteiro ou mãe solteira gasta longas horas trabalhando a fim de sustentar e educar a família, de tal maneira que não têm tempo para desenvolver um relacionamento significativo. É possível que os filhos

fiquem sem supervisão após as aulas, quando o comportamento perigoso é mais provável. (As pesquisas indicam que a maioria das adolescentes que são engravidadas, o são entre as 15:00 e as 18:00 horas em suas próprias casas.¹⁵)

Como pode a escola ajudar a formar jovens resistentes? Pesquisas feitas em escolas indicam que os educadores podem criar um ambiente que modera os efeitos dos lares ou ambientes sociais não ideais. Sugerem que “crianças resistentes têm habilidade fora do comum de fazer com que a escola se torne um refúgio contra os males da sociedade”.¹⁶ Uma pesquisa recente explorou os benefícios da escola como um lugar caracterizado por relacionamentos de apoio e consideração, oportunidades para participar em atividades e tomar decisões, e um lugar no qual os regulamentos são partilhados. Quando os alunos vêm sua escola como uma comunidade, eles sentem maior prazer na escola, são mais motivados academicamente, faltam as aulas com menor frequência, se envolvem menos em comportamento perturbador, têm melhor aproveitamento acadêmico, usam menos drogas e participam menos em comportamento delinqüente.¹⁷ O ambiente na escola se torna fator importante no desenvolvimento de um comportamento “relacional” positivo.¹⁸

Aplicando a Pesquisa

Parece que podemos diminuir ou até mesmo prevenir o uso de drogas e outros comportamentos perigosos ao fazer com que nossas escolas sejam um lugar caloroso e de consideração, em que os alunos se beneficiam de relacionamentos com adultos que estão centralizados em Cristo. Como podemos melhorar aquilo que providenciamos sem sobrecarregar os professores que já estão ocupados? Eis algumas sugestões:

1. *Anime igrejas locais e membros da equipe pastoral a se envolverem na vida da sua escola.* A pesquisa indica que, em certos locais, menos de 40 por cento dos pastores demonstram apoio à educação cristã.¹⁹

2. *Procure pessoas na sua comunidade religiosa que possam ajudar a criar um senso positivo da escola como comunidade.*

3. *Envolva membros da igreja que estão aposentados.* Eles têm muito a contribuir para a vida da sua escola.

4. *Comece com a pre-escola.* Identifique dois membros calorosos, de grande consideração da sua igreja local que possam vir à sala de aula das 8:00 às 11:00 horas cada manhã para ajudar o professor. Seu trabalho será ajudar os alunos com leitura, matemática ou outras matérias. O mais importante é que desenvolverão

relacionamentos.

Depois encontre outras duas pessoas que possam vir à escola na parte da tarde para fazer a mesma coisa. Organize isso para toda segunda, quarta e sexta-feira. Se você tem um número suficiente de pessoas participando, utilize-as todos os dias, o ano inteiro.

Quando os alunos da pre-escola são promovidos para a 1ª. série, peça que aquelas mesmas pessoas continuem com eles, na 1ª. série, 2ª. série, etc. Acrescente mais adultos até que você tenha um grupo de 10 ou 12 para cada sala de aula. Isso dará aos alunos a oportunidade de estabelecer relacionamento duradouro com adultos centralizados em Cristo no decorrer de um longo período de tempo. Isso pode continuar até o final da 8ª. série ou mesmo a conclusão do 2º. grau. Essa estratégia, ou alguma variação da mesma que se adapte à sua situação específica, deve fazer com que sua escola produza alunos resistentes.

5. *Peça aos pastores, jovens e adultos jovens para participarem da vida da sua escola.* Se eles não estiverem à disposição, designe “capelães” honorários dentro o corpo estudantil. Talvez você possa organizar um grupo de membros da igreja para levar esse projeto avante como o compromisso deles com a educação cristã. A disponibilidade deles de maneira regular como mentores, auxiliares de professores e conselheiros pode criar uma presença significativa para Cristo em sua escola.

O Que Pode Acontecer Se...

Pode haver benefícios adicionais na aplicação desse processo de desenvolver relacionamentos para criar uma comunidade escolar positiva. Membros da comunidade — inclusive membros da igreja — freqüentemente criticam as escolas. Ao envolver adultos da sua comunidade religiosa, é possível receber maior apoio das igrejas locais. É até possível que o apoio financeiro para sua escola melhore.

Comece com pouco. Motive cinco a seis pessoas de início. Escolha cada uma delas da mesma maneira que os professores são escolhidos, verificando seu passado, suas impressões digitais, etc. Existem pessoas perigosas que estão buscando uma oportunidade para se aproximar dos jovens. Exerça cuidado e cautela, mas não permita que isso impeça seus esforços. Após a implantação do programa com alguns adultos, avalie seu progresso. Resolva os problemas. Faça

A resistência parece estar relacionada com esperança.

avaliações constantemente. Aprenda enquanto prossegue. Com o tempo, procure expandir.

Funciona?

A avaliação é essencial. Está a pesquisa sendo confirmada na prática? Procure avaliar em três diferentes níveis.

- Avalie as reações dos professores. Aperfeiçoe o processo.
- Avalie o desempenho dos alunos. Compare as notas do final do ano com as notas de exames de anos anteriores. Avalie também o comportamento dos alunos.

- Avalie os adultos que participam. Estão satisfeitos? Como isso mudou a atitude deles para com a escola? Isso mudou a vida deles de alguma forma?

Depois de avaliar, conte as suas descobertas. Relate a educadores em outras escolas ou ao jornal o que está acontecendo na sua escola. Avalie e aperfeiçoe, para que funcione melhor na próxima vez.

Que Faria Jesus?

Jesus se misturava com as pessoas onde elas moravam. Ele construía pontes para as pessoas que estavam magoadas. Ele amava plena e inflexivelmente. Ele compreendia suas necessidades pessoais e as desafiava a aceitar valores e padrões mais elevados. Ele as motivava através de seu entusiasmo e compaixão a ser o que elas sabiam que não eram. Que melhor modelo de educação poderia haver do que procurar estabelecer relacionamentos com aqueles que têm necessidade?

Esta geração dá muito valor a relacionamentos. Devemos agarrar essa oportunidade para utilizar a pesquisa nessa área a fim de exemplificar em nossas escolas o ministério e o estilo de vida de Jesus. ☞

V. Bailey Gillespie, Ph.D., é professor de teologia e personalidade cristã e diretor executivo do Centro John Hancock para Ministério de Jovens e de Família, na Faculdade de Religião da Universidade La Sierra, em Riverside, Califórnia, E.U.A.

Gary L. Hopkins, M.D., Dr.P.H., é professor adjunto de ciências de comportamento e diretor do Centro para Pesquisa de Comportamento de Saúde Entre Adolescentes e do Instituto para Prevenção de Vícios, na Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A., e professor clínico associado para promoção de saúde e educação, na Faculdade de Saúde Pública da Universidade Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, E.U.A.

Stuart Tyner é diretor do Centro John Hancock para Ministério de Jovens e de Família, na Universidade La Sierra, em Riverside, Califórnia, E.U.A.

REFERÊNCIAS

1. Karol L. Kumpler e Rodney Hopkins, "Prevention: Current Research and Trends", *Psychiatric Clinics of North America* 16:1 (março de 1993), pág. 11.
2. Carol P. Kaplan e Sandra Turner e outros, "Promoting Resilience Strategies: A Modified Consultation Model", *Social Work in Education* 18:3 (julho de 1996), págs. 158-169.
3. *Ibidem*.
4. Rosemary Gonzalez e Amado M. Padilla, "The Academic Resilience of Mexican-American High School Students", *Hispanic Journal of Behavioral Sciences* 19:3 (agosto de 1997), págs. 310-318.
5. Thomas P. Herbert, "Portraits of Resilience: The Urban Life Experience of Gifted Latino Young Men", *Roeper Review* 19:2 (dezembro de 1996), págs. 82-91.
6. *Ibidem*.
7. Roger L. Dudley com V. Bailey Gillespie, *Faith in the Balance* (Riverside, Calif.: La Sierra University Press, 1992), págs. 159-165; 251-253; 193-196; 199; 200; 176-180; 31; 95-106.
8. *Ibidem*.
9. Robert B. Brooks, "Children at Risk: Fostering Resilience and Hope", *American Journal of Orthopsychiatry* 64:4 (outubro de 1994), págs. 545-553.
10. Herbert.
11. *Ibidem*.
12. Brooks, pág. 546.
13. Dudley e Gillespie.
14. *Ibidem*.
15. M. E. L. Vernon, "Life-Style, Risk Taking, and Out-of-Control Behavior", em William R. Hendee, ed., *The Health of Adolescents* (San Francisco: Jossey-Bass, 1991), págs. 162-185.
16. Kevin Bushweller, "What Makes Resilience?" *Education Digest* 61:3 (novembro de 1995), págs. 15-17.
17. Gonzalez e Padilla.
18. Uma pesquisa acerca da razão por que alguns estudantes mexicanos-americanos provenientes de ambientes muito pobres se desempenham bem nos estudos sugere que o ambiente escolar de apoio e o senso de pertencer ao ambiente escolar eram indicadores de resistência (*Ibidem*).
19. Peter Benson e Michael Donohue, *Valuegenesis Report III: School Quality* (Silver Spring, Md.: North American Division Office of Education, 1991), pág. 28.